



Cadernos BC
Série Educativa

O fantasma da inflação


BANCO CENTRAL
DO BRASIL

Cadernos BC
Série Educativa



O fantasma da inflação




BANCO CENTRAL
DO BRASIL





Banco Central do Brasil

Editada em dezembro de 2002.



– Um fantasma ronda o reino de Rochalândia – disse Dom Becevério, olhando fixamente para a pequena Isabela.

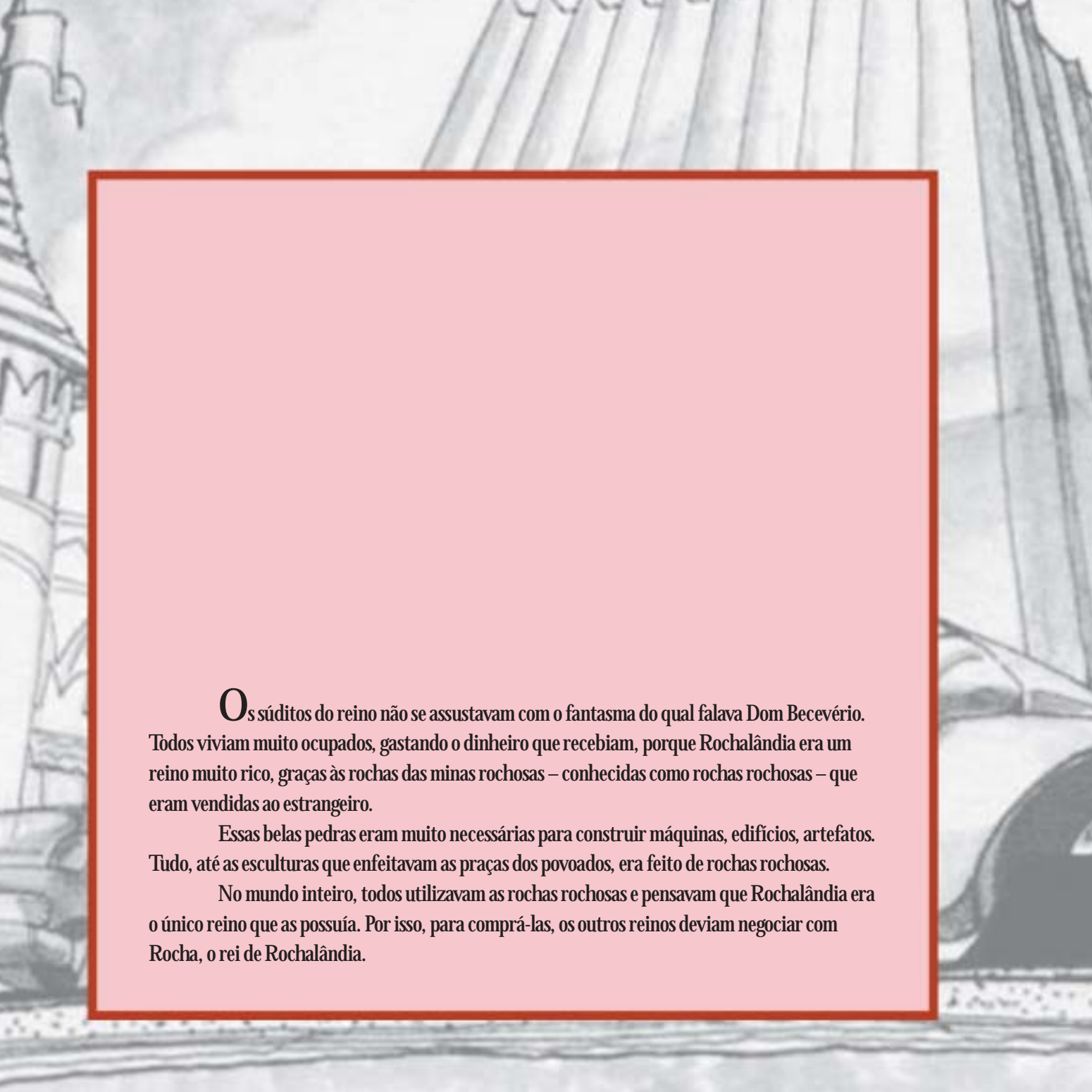
Ela não deu a menor atenção. Contudo, daí a pouco perguntou, curiosa:

– Um... fantasma?

– Sim, é o fantasma da inflação – respondeu Dom Becevério.

– Ah! – sorriu aliviada a menina – Mas não é um fantasma de verdade. Nunca o vi.

– O mais assustador desse fantasma – disse Dom Becevério – é que ele envolve todos nós, até mesmo o mais esperto, sem ser visto.




Os súditos do reino não se assustavam com o fantasma do qual falava Dom Becevério. Todos viviam muito ocupados, gastando o dinheiro que recebiam, porque Rochalândia era um reino muito rico, graças às rochas das minas rochosas – conhecidas como rochas rochosas – que eram vendidas ao estrangeiro.

Essas belas pedras eram muito necessárias para construir máquinas, edifícios, artefatos. Tudo, até as esculturas que enfeitavam as praças dos povoados, era feito de rochas rochosas.

No mundo inteiro, todos utilizavam as rochas rochosas e pensavam que Rochalândia era o único reino que as possuía. Por isso, para comprá-las, os outros reinos deviam negociar com Rocha, o rei de Rochalândia.



The background features a detailed black and white line drawing of a bustling market. On the right, a man is shown from the waist up, holding a fan of banknotes. Below him, another figure is partially visible, wearing a hat and holding a large bundle. The scene is filled with various items, including what appears to be a large sack or bag, and other market-related elements. The overall style is that of a classic woodcut or engraving.

Em troca dessas valiosas rochas, Rochalândia recebia em pagamento muitas cédulas verdes, que eram as cédulas mais utilizadas no mundo inteiro para fazer compras e negócios. Os habitantes de Rochalândia, sem trabalhar demais, tinham tudo o que se podia comprar: frutas de qualquer parte do mundo, lindos tapetes da Ásia e da África, canela e outras especiarias do Ceilão, os mais belos vestidos e carros, as mais caras jóias, os brinquedos mais modernos.





Dom Becevério, fiel conselheiro do reino, estava muito preocupado com o fato de o povo de Rochalândia depender tanto das cédulas verdes que vinham do estrangeiro, e dizia ao rei:

– Sua Majestade, chegará o dia em que gastaremos mais do que recebemos. Ou algo pior: algum dia se acabarão nossas rochas rochosas e a situação será assustadora: nossa riqueza se transformará em pobreza.

– Mas, o que podemos fazer? – perguntou o rei.

– Seremos mais prudentes ao gastar o dinheiro que temos agora. Investi-lo em mais saúde, mais segurança e mais educação para nosso povo. Isso é melhor do que gastá-lo sem nenhum cuidado.

– Para que tanto esforço? – perguntou, de novo, o rei – Se agora temos abundância, que a desfrutemos. Eu quero a felicidade de todo o meu povo.

Um dia, o rei Rocha quis que Rochalândia tivesse suas próprias cédulas. Então, para cada cédula verde que entrava, mandava imprimir uma cédula azul.

Assim, quando uma cédula verde chegava, era trocada por uma cédula azul, operação essa denominada câmbio, que significa troca. A cédula verde ficava no cofre do reino, compondo as reservas internacionais, e a cédula azul que a substituía, entrava em circulação, ou seja, passava a ser utilizada em pagamentos de bens e serviços dentro do reino.

Inversamente, quando os Supermercados Trazdetudo importavam produtos de outros reinos, trocavam suas cédulas azuis por cédulas verdes, que eram então enviadas aos vendedores no estrangeiro.



Dom Becevério foi buscar a pequena Isabela e convidou-a para passear pela praça do mercado. Parou em frente aos Supermercados Trazdetudo e divertiu muito Isabela, contando a ela como tudo que vendiam ali era importado.

– Aqui, Isabela, quase tudo é trazido de fora. O leite de magnésia é trazido da Indonésia; os deliciosos perfumes vêm da França; o sabão vem do Japão; os sapatos são da Venezuela; os livros de contos infantis nos chegam da Itália e os jogos mais divertidos vêm dos Estados Unidos.

No local onde vendiam comida, roupas, móveis, jogos e livros havia uma pequena e acolhedora barraquinha. Nela eram vendidos produtos fabricados em Rochalândia: brinquedos, sorvetes, doces, tortas... Tudo era preparado por sua dona, a gordíssima senhora Pederneira, que conhecia e respeitava muito a palavra de Dom Becevério.

Mesmo sendo alguns produtos muito bons, a maioria das pessoas preferia fazer suas compras nos supermercados do senhor Trazdetudo, porque vendiam produtos trazidos do estrangeiro.



Assim passaram-se os anos no reino de Rochalândia, mas Dom Becevério continuava com a idéia de que era preciso economizar e produzir mais para evitar a escassez no futuro. “Quando as rochas rochosas se acabarem, veremos a situação bem difícil”, dizia Dom Becevério.

E esse dia cheio de dificuldades chegou:

– Sua Majestade – disse um mensageiro real – tenho o dever de informar...

Todos ficaram parados como estátuas ao ver a cara de pavor do mensageiro.

– ...que encontraram grande quantidade de minas de rochas rochosas nos reinos vizinhos e que já não somos mais o único reino que vende essas rochas.

– A partir de agora, receberemos menos cédulas verdes e não poderemos comprar no estrangeiro tudo o que nos falta. Teremos que nos esforçar para competir com os produtos do estrangeiro – foi só o que conseguiu dizer o rei.

O rei observava como o dinheiro não bastava ao reino e ao povo para comprar os produtos de que precisavam. Rochalândia empobrecia cada vez mais. Apressado em resolver essa grave situação, o rei disse:

– Se o problema é que o reino e as pessoas não têm dinheiro para comprar o indispensável, mando imprimir mais cédulas azuis para que o reino possa gastar e as pessoas tenham mais dinheiro. Assim encerramos o assunto. Rochalândia se salvou! Viva!

Mais uma vez Dom Becevério deu um conselho muito sério ao rei:

– Majestade, essa medida não nos ajudará. Os preços subirão. Haverá mais dinheiro em circulação, perseguindo os poucos produtos que temos. Logo aumentará a escassez e teremos menos do que agora se vê.

Mas o rei não deu ouvidos ao conselho tão sério de Dom Becevério, mandou imprimir mais cédulas azuis e começou a gastar imediatamente.



TUDO ESTA CARÍSSIMO

ECONOMISTAS PREOCUPADOS COM A PERDA DO PODER

INFLAÇÃO DISPARA





A população foi aos Supermercados Trazdetudo gastar o dinheiro que agora tinha. Havia tanta gente querendo comprar e tão poucos produtos para vender, que o Sr. Trazdetudo resolveu fazer um leilão:

– Tenho essa cadeira. Custa 50 cédulas azuis, quem quer?

Muitos a queriam e muitos tinham o dinheiro.

– Não briguem! – dizia o leiloeiro – Vendo a quem me oferecer o preço mais alto.

– Eu dou 100 – gritou um.

Outro gritava lá de trás:

– Dou 200 pela cadeira.

– 300 – disse a senhora Parada.

– Vendida por 300 à senhora Parada – disse o leiloeiro, enquanto via o que mais podia vender.

E assim foi. Cada vez menos reinos compravam rochas rochosas. E era cada vez menor a quantidade de cédulas verdes nos cofres do reino, de modo que havia mais bilhetes azuis do que verdes. Assim a tristeza chegou a Rochalândia, já que não se podia trazer a mesma quantidade de produtos de fora. As coisas começaram a custar mais dinheiro e a frase "está baratíssimo" desapareceu.

Parecia que um fantasma aumentava o preço das coisas, com um sopro contínuo que não parava.

"Tudo está caríssimo, o dinheiro não dá para nada", era o que mais se ouvia das pessoas.

Nos jornais, os economistas falavam "da perda do poder aquisitivo da moeda", para mostrar que se comprava cada vez menos coisas com a mesma moeda. Estranho, não?

Se antes dava para comprar um lápis com uma cédula azul, agora eram necessárias duas cédulas para comprar o mesmo lápis.

Os alimentos, os remédios, a roupa e o transporte... tudo subia de preço e não havia como impedir que isso acontecesse.

"Parece coisa do fantasma" – pensou Isabela.

E por mais que se esforçassem em procurá-lo, ele não aparecia. Assim são os fantasmas, eles estão diante do nosso nariz e não os vemos.



Diante do desespero dos súditos, o rei resolveu agir:

– Os preços continuam a subir? Proibirei os aumentos e acabarei com a especulação!

– Mas, Majestade – aconselhou Dom Becevério –, uma vez mais os preços sobem por causa da escassez. Congelá-lo é uma tolice, o senhor não percebe? A emenda será pior do que o soneto. Os produtos desaparecerão e não se conseguirá nem um alfinete para costurar.

– Sinto muito. Já tomei a decisão – insistiu o rei, com firmeza.

– Não vão querer produzir nada, sabendo que o que será investido jamais será recuperado – disse Dom Becevério.

– Não fale mais nada. A partir de hoje fica proibido aumentar os preços de qualquer coisa que se venda em meu reino.



Os vendedores perderiam dinheiro se obedecessem ao rei. Por isso, muitos vendiam seus produtos na calada da noite, quando não havia guardas para vigiá-los, a preços mais elevados do que os estabelecidos pelo rei.

Os Supermercados Trazdetudo tinham cada vez menos produtos para vender e o que existia era muito caro. Por outro lado, o comércio da sra. Pederneira tinha suas prateleiras repletas de mercadoria. Da noite para o dia aumentou o número de clientes. Agora as pessoas preferiam comprar ali porque as coisas eram mais baratas.

A sra. Pederneira, muito esperta, aumentou também os preços: calculou o quanto a mais as coisas lhe custavam agora, quanto deveria ganhar, e assim chegou aos novos preços que iria cobrar.



O rei estava muito surpreso e assustado com o que estava acontecendo. Foi procurar Dom Becevério, que estava conversando com a sra. Pederneira e com a pequena Isabela.

Angustiado, o rei interrompeu os três:

– Sinto como se uma grande boca estivesse para engolir Rochalândia. Meu povo está cada vez pior e já não sei o que fazer. Será o fantasma de que o senhor falava, Dom Becevério? Nem com dinheiro consegui espantá-lo.

– Calma, Majestade. Há maneiras de lidar com os fantasmas – disse sabiamente Dom Becevério.

– Com as cédulas azuis que o senhor imprimiu, mais o controle de preços que decretou, a situação piorou – enfatizou Dom Becevério.

– Como dizia meu avô – falou Isabela, tentando disfarçar o medo – nosso corpo precisa de cinco litros de sangue. Se lhe dão mais...

– Ai, não fale em sangue comigo – disse a sra. Pederneira – porque eu... eu... des...desmaio. E a imensa senhora caiu como uma pedra.

Logo trouxeram água e todos ajudaram-na a se recuperar. Já um pouco melhor, disse, enquanto se levantava emocionada:

– Entendi tudo...

– O quê? – perguntou Isabela ainda com medo.

– Se, por algum motivo, meu corpo recebesse oito litros de sangue a mais, todos os meus órgãos se alterariam e...

E não pôde terminar de falar porque voltou a cair desmaiada.



A situação era terrível, mas bastante engraçada, porque cada vez que a sra. Pederneira desmaiava, acordava entendendo algo que antes não entendera.

– Corrija-me se eu estiver errada, Dom Becevério. A primeira aparição do fantasma aconteceu quando houve escassez de produtos em Rochalândia. Não podíamos trazer a mesma quantidade de coisas do estrangeiro porque tínhamos menos cédulas verdes e os produtos tiveram que ser vendidos a preços cada vez mais altos. Apesar de lá fora as coisas continuarem custando o mesmo, no reino de Rochalândia custavam muito mais, porque agora para cada cédula verde precisávamos dar várias cédulas azuis.

Dom Becevério disse "certo" e todos aplaudiram, emocionados.

– Continuando: não há um equilíbrio entre o que se pode comprar e a quantia de dinheiro em circulação. Como há mais cédulas azuis do que produtos para comprar, sobem os preços.

– Parabéns! Sua explicação está bastante clara – disse Dom Becevério. Mas cabe lembrar que em Rochalândia essas foram as causas da inflação, porém, em outros reinos, dependendo das suas características, além desses motivos, podem existir outros.



– **M**as quando o fantasma vai desaparecer? – perguntou Isabela.

– O fantasma não irá embora tão rápido quanto queremos – disse o rei. Precisaremos cortar gastos, já que não posso, nem mesmo sendo o rei, imprimir dinheiro quando não há mais produção ou coisas úteis para vender. O dinheiro não é só papel impresso, precisa de uma boa administração, porque em excesso pode gerar danos gravíssimos à economia e às pessoas. Aprendi a lição: *não se dá um passo maior do que a perna.*

– Sim, mas não é isso que eu estou perguntando. O fantasma, o fantasma, quando vai desaparecer?



Isabela estava apavorada e ainda não entendia o que estavam falando:

– Mas, meu Deus, vocês não me ouvem? Pergunto pela terceira vez: quando o fantasma vai embora?

Dom Becevério sorriu, afagou Isabela e lhe disse:

– O fantasma desaparecerá quando colocarmos na cabeça que a nossa principal riqueza não está nas minas de rochas rochosas, mas em nosso trabalho e em nossa inteligência para construir o reino que queremos. Assim veremos cada vez menos o fantasma.

– A riqueza, minha querida Isabela – sussurrou ao ouvido da menina –, somos nós mesmos, nosso trabalho e nossa dedicação.

– Continuemos, logo as coisas vão melhorar – falou o rei, otimista.

– Mesmo que nos custe sangue, suor e lágrimas – disse a sra. Pederneira, antes de cair no chão desmaiada novamente.



Curiosidades...

Produção: é a ação de gerar coisas que podem ser vendidas.

Inflação: é o aumento contínuo e generalizado dos preços dos bens e serviços negociados em um país.

Preço: é o acordo a que chegam um comprador e um vendedor sobre o valor em dinheiro de um produto. Quando há pouco para vender e muito dinheiro para comprar, as coisas aumentam de preço.

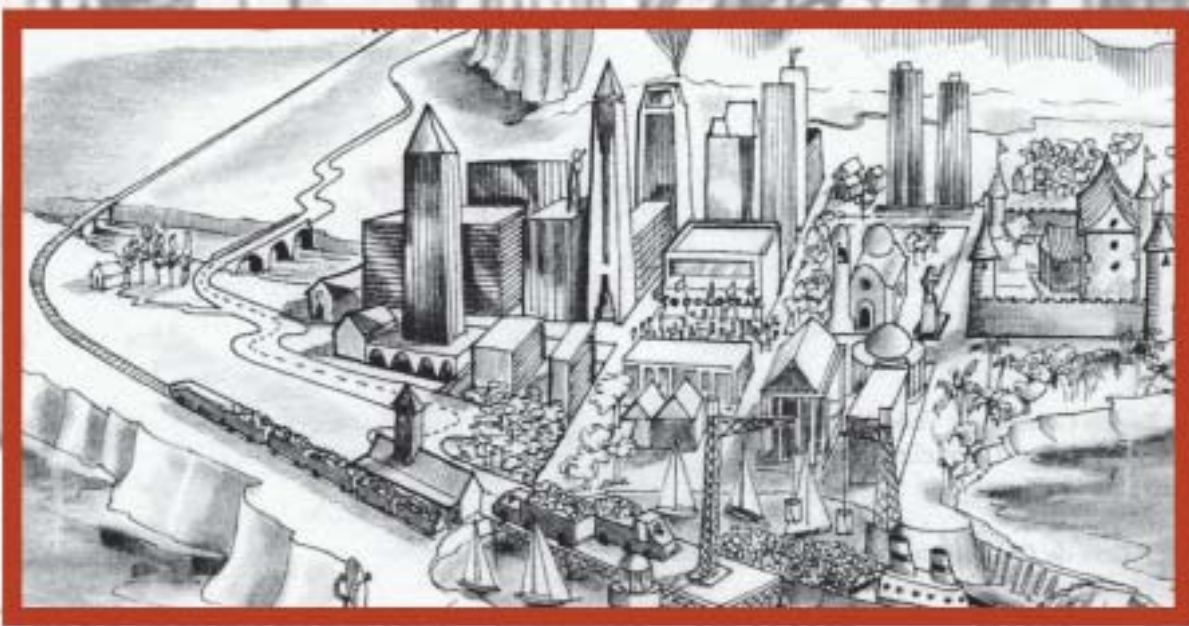
Competir: é a capacidade que tem uma pessoa, uma empresa ou um país para produzir as coisas a preços mais baixos e de

qualidade igual à dos outros produtores.

Mercado: é o lugar onde se encontram compradores e vendedores. Nessa relação se formam os preços, de acordo com a concorrência.

Importar: é comprar produtos de outro país.

Exportar: é vender produtos a outro país.



Reino da Rochalândia



**Agradecemos a autorização para
reprodução e adaptação concedida pelo
Banco Central da Venezuela.
Gerência de Comunicações Institucionais:
Mary Batista Lorenzo**

Créditos da publicação original

**Investigación y textos: José Luis Blondet y Víctor Fajardo Cortez
Ilustración del personaje Don Beceverio: Rosana Faria
Ilustraciones: Luis Guillermo Vásquez F.
Diagramación y arte final: Estela Aganchul
ISBN 980-6395-48-4
Impreso en Venezuela por: Anauco Ediciones, C.A.**

**Textos e ilustrações adaptados pelo
Banco Central do Brasil
Secretaria Executiva da Diretoria
Secretaria de Relações Institucionais.**



A palavra economia vem do grego *oikos* (casa) e *némein* (administrar). Desse significado de cuidar e lidar com os bens de uma casa, a palavra tomou o sentido que tem agora de administrar a riqueza pública de uma comunidade, região ou país. Daí também vem o nome da ciência que estuda os processos econômicos.

Com esta série de cadernos, o Banco Central do Brasil acredita estar oferecendo às crianças brasileiras, por meio de textos simples e ilustrações divertidas, alguns temas e conceitos básicos de economia que permitirão a elas compreender a complexidade do mundo econômico de hoje.

